

Metodologia de Investigação e Novos Avanços no Sistema Integrativo do Rorschach (S.I.R.) (*)

DANILO R. SILVA (**)

Quando, nos finais dos anos sessenta, Exner meteu mãos à obra de estudar o Rorschach e tentar fazer dele um teste, um instrumento objectivo de avaliação, dotado de garantia e validade, os métodos projectivos em bloco passavam por um período de tempestade crítica, de verdadeiro descrédito, entravam numa fase frequentemente apodada de declínio e de crise temendo-se mesmo, no início da década de setenta, que se aproximasse o fim da sua utilização (Silva, 1980/81/82, 1986). As razões desse estado de coisas são múltiplas e ultrapassam por certo as da natureza daqueles métodos, o excesso do que se lhes pedia, a inadequação e incorrecção de muitos dos estudos e investigação de que eram objecto ou meio.

Neste trabalho, procurei sublinhar a necessidade e vantagem em que o Rorschach não se desvie da linha de estudo e investigação susceptível de o encaminhar para uma maior dignidade do seu uso, dos resultados e da interpretação, o que, de modo nenhum, deverá ser considerado incompatível com a prática clínica. Relendo um

trabalho de Matty Chiva, datado de 1973 e intitulado *L'Elaboration Statistique des Données du Rorschach*, recortei o seguinte comentário das observações finais: «No termo desta revisão, que pode parecer bastante desencorajadora, podem procurar-se as razões deste relativo insucesso. Ele reside, antes de mais, no divórcio entre clínica e investigação ou, melhor, entre a atitude adoptada pela maioria dos clínicos e dos investigadores» (Chiva, 1973). Este divórcio de todos conhecido, com o que significa de alheamento da metodologia da investigação e desconhecimento desse instrumento auxiliar precioso que é a estatística, por sinal conhecedora de um particular desenvolvimento nas últimas décadas, esse divórcio foi e continua a ser, em grande medida, uma das causas do estado de conhecimento, ainda não suficientemente seguro e claro, em que se encontra o Rorschach e causa também da imensa investigação, hoje considerada estéril e obsoleta, a que deu lugar.

1. UM OLHAR SOBRE A INVESTIGAÇÃO DO RORSCHACH NO PASSADO

Nos finais da década de quarenta, período em que avultam os estudos tendentes a dotar o Rorschach de bases teóricas e científicas, a eliminar o subjectivo e o intuitivo de que estava imbuído

(*) Parte deste escrito constituiu comunicação apresentada no Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Outubro de 1992, Lisboa.

(**) Professor Catedrático, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Bolseiro do JNICT.

(Silva, 1980/1981/1982), surgiu um estudo de Cronbach, considerado unanimemente um marco na literatura de investigação do Rorschach, por sinal incluído por Murstein, em 1965, na edição do seu *Handbook of Projective Techniques* (Murstein, 1965). Aí se empreende a revisão de elevado número de trabalhos, no intuito de examinar os métodos adoptados e avaliar da respectiva adequação. De passagem, diga-se que alguns estudiosos bem conhecidos se encontram ali apontados. O autor detecta e denuncia numerosos erros na utilização indevida de procedimentos estatísticos, frequentemente em virtude da mera transposição destes, do campo de aplicação onde se manipulam grandes números, grandes grupos e variáveis com distribuições normais, para o campo do Rorschach onde, muitas vezes, os grupos não são grandes e muito particularmente as variáveis não se distribuem normalmente. Reconhecendo que cerca de 90% das conclusões extraídas de estudos estatísticos com o Rorschach, publicados até à data em que escrevia, 1949, não tinham consistência, Cronbach nem por isso deixa de defender o mérito do teste, patente em alguns poucos estudos correctos nos seus planos experimentais e nos procedimentos estatísticos utilizados. «Não se pode atacar o teste apenas porque a maioria das hipóteses do Rorschach estão ainda num estágio de pré-investigação, escrevia então. Alguns dos estudos que não puderam encontrar relações poderiam ter confirmado a teoria do Rorschach se a análise tivesse sido mais perfeita.(...) Com o aperfeiçoamento nos testes projectivos, na teoria da personalidade e nos procedimentos de verificação desta teoria, podemos esperar importantes dividendos» (Cronbach, 1940). Este foi realmente um notável estudo que teria permitido e, ao que parece, em moderada medida, permitiu corrigir e melhorar a qualidade das investigações com o Rorschach, muito embora permanecesse longe dos objectivos. Com efeito e citando de novo Matty Chiva, quando, em 1965, Murstein procede à revisão de mais de 2 000 trabalhos que aplicam a análise factorial, a maioria publicados após 1950, verifica, entre diversas irregularidades, que essas análises assentam em matrizes de correlações quase sempre expressas pelo “r” de Bravais-Pearson. Ora, as variáveis em presença nem são linearmente aditivas, sem contar que assumem significado psicológico diferente con-

soante o respectivo número, nem são independentes, pois uma resposta dá lugar a diversas cotações e muitas vezes estas relacionam-se estreitamente, como é o caso da localização *D* com o determinante *F*» (Chiva, 1973).

No esforço de conferir ao Rorschach as requeridas qualidades de instrumento objectivo de avaliação, numerosos foram os estudos tendo em vista a garantia ou precisão e a validade da prova os quais frequentemente utilizavam planos experimentais inadequados ou adoptaram critérios inconsistentes. Relativamente aos estudos de validade do Rorschach em psicologia clínica publiquei, há alguns anos, uma análise que enumera as dificuldades e os erros bem como as metodologias mais adequadas ao tratamento da questão (Silva, 1980/1981/1982). O problema da validade do Rorschach não pode, desde logo, pôr-se do modo como o é em testes de inteligência ou personalidade. Se perguntarmos o que mede o Rorschach (validade de conteúdo) não encontraremos, com certeza, uma resposta simples. Os itens do Rorschach são 10 cartões com borões de tinta e as respostas são codificadas e como tais tratadas. Não há um conteúdo específico, não há cotações rigorosamente falando; há conceitos, há processos de personalidade e são estes que carecem de ser validados. A modalidade de validação mais adequada ao Rorschach e aos métodos projectivos, na generalidade, é a que Cronbach teorizou nos anos cinquenta (Cronbach, 1955, 1955a) designada validade de constructo ou conceptual ou teórica. Trata-se de determinar uma relação entre uma ou mais variáveis do Rorschach e um constructo ou conceito subjacente a uma condição ou comportamento. Note-se que a verificação de uma tal relação não só valida a ou as variáveis em estudo mas também o conceito teórico considerado e, em certa medida, a teoria da personalidade em que se integra. Estamos perante o processo de construção da ciência, a confirmação de hipóteses.

2. O TRABALHO DAS RORSCHACH WORKSHOPS

Como procedeu Exner e a sua equipa? A que novas metodologias lançou mão para desenvolver e construir um novo Sistema do Rorschach? Diga-se, antes de entrarmos no assunto

que nos ocupa e tão só a título informativo, que o S.I.R. se impôs nos Estados Unidos, onde frequentemente substituiu os sistemas existentes, e franqueou as suas fronteiras estendendo-se a outros países americanos e também europeus, com início na Espanha, Barcelona, ainda nos anos setenta. A primeira tradução do S.I.R. é espanhola e encontra-se esgotada, achando-se em preparação nova edição. A tradução francesa deverá aparecer em breve. Em 1990, criou-se a European Rorschach Association (E.R.A.), sediada em Paris. A Suécia, a Polónia, a Itália e Portugal já receberam a visita de John Exner o que permite afirmar que a sua presença na Europa já não pode ser ignorada.

Retomando as questões levantadas e entrando decisivamente no tema deste trabalho, direi que uma parte importante referente ao aparecimento, estudo e características do S.I.R., acha-se incluída em dois trabalhos por mim publicados e de acesso fácil. São eles *Exner e a Reposição do Teste de Rorschach* e *O Sistema Integrativo do Rorschach (S.I.R.) de John E. Exner, Jr.* (Silva, 1985, 1986). Deste modo, não irei deter-me em aspectos já focados e tratados e procurarei cingir-me àqueles que me parecem mais relevantes para serem apresentados aqui.

Antes de mais, chamo a atenção para a circunstância de o desenvolvimento e construção do Sistema Integrativo, não se dever tanto a novas metodologias como ao facto de que, talvez pela primeira vez, se concretizou o plano de fazer o estudo do Rorschach na observância das normas científicas, há muito estabelecidas e praticadas em outros sectores da investigação psicológica, alguns destes por sinal não muito afastados daquele.

Debruçar-me-ei sucessivamente sobre o Rorschach como teste ou instrumento de avaliação e o Rorschach como objecto de estudo e investigação.

É usual referir-se que a utilização do Rorschach implica uma teoria da personalidade de referência. Durante muitos anos, a teoria mais frequentemente ligada ao Rorschach, na prática clínica, e perfilhada por grande número dos seus utilizadores era a psicanalítica, ortodoxa ou não, o que continua a acontecer, a avaliar pela recente publicação de obras como as de Chabert (1983, 1987) e Lerner (1991). De tal modo era assim que chegava a formular-se a interrogação se o

Rorschach poderia usar-se fora desse contexto teórico. Sem pôr em questão a ideia de uma teoria da personalidade referente do uso do Rorschach, tratava-se de o estudar em si mesmo, a sua natureza – operações e processos que assistem às respostas que suscita – o seu funcionamento, a sua interpretação. Para o fazer, havia que lançar mão da metodologia que mais decisivamente contribui para alcançar resultados consistentes, a experimental, na sua forma pura, sempre que viável, ou na forma que assume nos métodos designados por Reuchlin (1969) *comparativos*.

2.1. Natureza do Rorschach

Relativamente à natureza do Rorschach, Exner remonta ao *Psicodiagnóstico* e relembra o ponto de vista do autor segundo o qual as respostas não eram produtos da imaginação mas antes da percepção ou da apercepção e por conseguinte conscientes. Exner, porém, sublinha o carácter bem mais complexo do processo de resposta à prova das *formas fortuitas*. Antes de mais, considera a tarefa de responder à pergunta «*O que poderia ser isto?*», apresentando as manchas de tinta, como sendo do tipo *solução de problemas*. «Com efeito, escreve, a natureza de situação de teste força o sujeito a transformar o borrão em uma coisa que não é. Cria-se uma situação de *solução de problemas*, escreve, que impõe certa violação da realidade. Ao mesmo tempo, o sujeito fica preocupado com a sua integridade pessoal. Deste modo, a exigência de *pseudo-identificação* do estímulo desencadeia a actividade de um conjunto de operações psicológicas que culmina finalmente na tomada de decisão e elocução das respostas.» (Exner, 1986, p. 29).

O número destas que, segundo os dados normativos mais diversos, se situa nas dezenas dos vinte e trinta, é realmente variável e depende de muitos factores. As instruções de aplicação são um dos determinantes dessa variabilidade, como se prova pela comparação das médias de *R* obtidas com as instruções adoptadas por Beck, Klopfer, Rapaport, Piotrowski e Hertz. As de Klopfer, mais próximas das de Rorschach, desprovidas de qualquer orientação visando o número de respostas, como acontece nas restantes, são as que produzem uma média mais baixa, 23,9. A ocorrência ou uso de reforço contribui também

para modificar a frequência de certos tipos de resposta. Estes factos originaram a ideia de que os sujeitos, frente aos cartões, podem produzir muito mais respostas do que geralmente o fazem, na situação estandardizada de exame. Verificou-se, concretamente, com cinco grupos de 20 indivíduos, dois de adultos e um de crianças «sem queixa», um de esquizofrénicos internados e um de deprimidos internados, que o número médio de coisas vistas e referidas em 60 segundos, foi de 2 a 4 vezes maior do que a média normativa do S.I.R., 22, sem que por isso a qualidade formal ou a observância das exigências físicas do estímulo se degradasse. Esta circunstância determinou um estudo mais apurado do processo de resposta com o intuito de examinar as operações ali implicadas (Exner, 1986, pp. 31-34).

2.2. *O Processo de Resposta*

O estudo do processo de resposta, empreendido segundo uma metodologia e uma perspectiva bem diferentes da de Schafer (1954), sem que com esta seja incompatível, constitui uma excelente oportunidade não apenas de nos apercebermos da complexidade da questão mas ainda do que de criativo reside no acto de interrogar o real e descobrir o modo de colher dele a resposta. Exner distingue três fases e seis operações diferentes no processo de resposta, considerado como fundamentalmente perceptivo. Tratando-se de um capítulo fundamental do estudo do Rorschach, tem sido objecto de continuada reflexão e investigação pelo que apresentarei, aqui, a perspectiva recente, vinda a lume em 1991.

À pergunta «*O que poderia ser isto?*», a que se resumem as instruções de aplicação do Rorschach, espera-se que o sujeito responda com a indicação de um objecto que se pareça com toda ou parte da mancha onde é visto. Na Fase I, distinguem-se dois tipos principais de operações: (1) as da descodificação do campo-estímulo e (2) as da classificação da imagem codificada e suas partes em respostas potenciais (Exner, 1991, p. 101).

No que toca ao primeiro grupo de operações, estudos da actividade ocular, durante o exame visual dos borrões do Rorschach, revelam, por exemplo, que, para o Cartão I, uma exposição taquistoscópica de 500 ms é suficiente para um

sujeito ver todo o campo-estímulo e algumas partes dele mais do que uma vez. A este exame rápido do estímulo segue-se a codificação do produto e com ela a recuperação da informação proveniente da memória a longo prazo. Entra-se, assim, no segundo tipo de operações que se traduzem por comparações entre as imagens recuperadas da memória e a imagem codificada o que leva à classificação da mancha ou suas partes em respostas potenciais. O número destas depende, antes de mais, da duração do exame visual do estímulo e alteração da respectiva codificação. Tudo leva a crer que tal número é bem maior do que o das respostas finalmente dadas pelo sujeito. É provável que ele varie de indivíduo para indivíduo e de cartão para cartão. Verificou-se, designadamente, para uma apresentação taquistoscópica dos cartões, de 600 ms, que a média de respostas dadas por cartão era pouco mais do que uma. Por outro lado, a exposição dos cartões, durante um minuto, com instruções para dar o maior número possível de respostas, proporciona médias variadas, desde um pouco mais de 5, no cartão IV, a mais de 15, no cartão X. Pode, assim, considerar-se que os cartões mais compactos, IV, V e VI, suscitam menor número de respostas potenciais, e os mais dispersos, III, VIII e X, maior número. «Mas, mesmo quando as manchas são relativamente compactas, a maioria das pessoas consegue formar três ou quatro respostas potenciais, ainda que a mancha seja exposta por um breve lapso de tempo» (Exner, 1991, p. 101).

Um aspecto que merece a Exner especial relevo, na nova apresentação do processo de resposta, é o do «papel de pequenas partes dos estímulos na classificação» das respostas. A ideia de que grande número das respostas constituídas na Fase I, em virtude de o serem rapidamente, são determinadas pela forma, é confirmada por um estudo em que se apresentaram taquistoscopicamente os borrões a sujeitos «sem queixa», durante 600 ms ou menos, tendo-se verificado que a grande maioria delas eram *F Puro* e que cerca de 20% eram «menos». Verificou-se ainda que a maioria das respostas «menos» ocorrem nos cartões II, III, VIII, IX e X, sendo muitas delas «rostos», o que permite pensar que os indivíduos não dispuseram de tempo suficiente para um exame visual completo do campo-estímulo. Esta circunstância tê-los-ia levado a

orientar-se pela característica gestáltica do fechamento, na codificação do campo. O aumento do tempo de apresentação das manchas para 1 segundo, com um grupo de 15 sujeitos, teve como efeito uma média de 15 respostas totais, menos de metade destas *F* Puro e menos de 10% respostas «menos». Cerca de 80% das respostas «menos» ocorreram nos Cartões III e X, indicando que um segundo não é tempo bastante para um exame visual do campo-estímulo e uma codificação apropriada. No que respeita à qualidade formal das restantes respostas, ela é ordinária (*o*) em 96%, o que permite afirmar que, se o tempo de exame fosse suficiente para uma codificação completa, a maioria dos indivíduos traduziria o campo-estímulo de modo convencional. Este facto tem a ver com o problema da estrutura e organização dos estímulos do Rorschach (Exner, 1991, p. 102).

Com efeito, se é certo que os borrões de tinta não têm de modo algum características que permitam reconhecê-los com a mesma facilidade ou precisão com que se reconhecem um copo, uma colher, um avião, não é menos certo que são dotados de traços, de características susceptíveis de facilitar e *ipso facto* inibir certas traduções ou classificações. Mais do que um estudo mostrou que, se se apresenta o Cartão I, com corte das projecções laterais superiores (Dd 34), as respostas «morcego», «borboleta» ou qualquer outro objecto com asas desaparecem ou ocorrem em número muito reduzido. De modo semelhante, a apresentação do Cartão VIII a dois grupos de 23 sujeitos «sem queixa», na versão padrão e numa versão modificada, com omissão dos rosas laterais (D1), mostra que a resposta *W* ocorre, na versão padrão, em 17 sujeitos, e apenas em 1 sujeito, na versão modificada.

Estes são factos que revelam, com nitidez, que os cartões não são tão inestruturados como se pretendeu e afirmou, durante anos, mas contêm partes ou elementos que, vistos isolados ou integrados no todo gestáltico, podem favorecer certas classificações e limitar ou inibir outras. «Estas características potentes ou de alta valência dos estímulos, observa Exner, desempenham um papel significativo no processo do teste. Criam os parâmetros dentro dos quais a mancha ou áreas da mancha podem ser classificadas apropriadamente, sem recorrência à distorção ou a

qualquer processo que ignore a sua presença» (1991, p. 103).

Esta característica dos estímulos do Rorschach sobre que Exner lança, agora, uma luz renovada é melhor e mais consistentemente apreendida do ponto de vista do número de respostas de qualidade formal ordinária, constante da respectiva Tabela. Esta foi elaborada a partir de 7.500 protocolos, num total de 162.427 respostas. Para ser considerada ordinária – *o* – uma resposta deve ocorrer em 2% dos protocolos, isto é, no caso presente, em 150 protocolos. O número destas respostas não vai além de 831, um quantitativo relativamente baixo, que ocorre em 89 áreas *W* e *D*. Estas áreas contêm, naturalmente, aquelas características dos estímulos que limitam a possibilidade de respostas sem o que as exigências do campo-estímulo são ignoradas, dando lugar a distorções perceptivas. Exner chama igualmente a atenção para que nem sempre os elementos potentes das manchas implicam a linha de contorno. Ele mesmo demonstrou que a formulação da resposta «morcego», no Cartão I, está ligada à coloração escura da mancha. Demonstrou também que a coloração azul do *D* lateral do Cartão X (D1) facilita a frequência com que as respostas «caranguejo» e «aranha» são dadas a esta área e que, apresentada em separado, esta mesma área não suscitou nenhuma daquelas respostas, em 21 sujeitos «sem queixa», que a viram como «poça de água» (Exner, 1991, p.104).

Estes e muitos outros estudos efectuados permitem-nos compreender melhor a afirmação daquele estudioso referente à limitada estruturação dos estímulos do Rorschach. O facto de nenhum dos borrões representar um objecto específico está longe de significar que possa representar qualquer um. Dito de outro modo a pergunta «*O que poderia ser isto?*», referente às manchas, não só exclui uma resposta sobre *o que é* como delimita o âmbito das respostas possíveis, admitindo embora, mas «excluindo» implicitamente respostas outras que as possíveis, estas compatíveis com as exigências da organização estrutural do campo-estímulo. Situamo-nos aqui num terreno meramente perceptivo que as leis gestálticas da percepção nos ajudam a compreender. Na linha das instruções de aplicação do Rorschach e da reflexão suscitada, parece literalmente adequado classificar as respostas como

perceptivamente possíveis e impossíveis, as primeiras codificadas «o» e as segundas «-». É ainda neste contexto que compreendo e aceito a decisão audaciosa e para alguns acintosa de Exner de considerar «certas» as respostas do Rorschach codificadas «o» (ordinárias).

Apesar de tudo, escasso é ainda o trabalho feito sobre o estudo das características dos estímulos das manchas do Rorschach. Os ensaios aqui referidos apenas chamam a atenção para uma realidade que não pode ser ignorada e, por assim dizer, levantam o véu que cobre a extrema complexidade e extensão do campo de estudo. Eles indicam também que a natureza da resposta do Rorschach não é tão vaga e ambígua como muitas vezes se apresenta mas assenta em bases que, pelo facto de não serem ainda totalmente conhecidas, nem por isso deixam de ser reais. Encontramo-nos de novo e afinal perante essa componente cuja necessidade de investigação Murstein tanto encareceu, na década de sessenta, o estímulo (Murstein, 1963, 1965), variável geralmente esquecida, desconsiderada ou desconhecida de quantos se abeiram do Rorschach, para sobretudo associar sobre as respostas do sujeito, como se os cartões tivessem as mesmas propriedades do Cartão 16 do TAT.

A Fase II compreende também dois tipos principais de operações: (1) o reexame do campo para apurar ou refinar as respostas potenciais e (2) a exclusão de respostas como resultado da comparação entre si, da ordenação ou da censura. Na segunda fase, inicia-se um processo de avaliação das respostas potenciais que, para além das instruções iniciais, obedece igualmente às atitudes do sujeito face ao teste e à situação. Esta avaliação requer talvez um reexame mais cauteloso da mancha, no sentido de verificar a adequação da primeira imagem. A exclusão subsequente de respostas assenta plausível e predominantemente na comparação das respostas potenciais entre si, tendo como referência as características dos estímulos. Estas características, porém, podem não ser as mesmas para diferentes indivíduos, o que se explica pelos aspectos cognitivos ou estilísticos de cada um, os quais contribuem para a formação de hábitos mediacionais e decisórios. Como ilustração desta ideia, Exner invoca, de novo, o Cartão I. Todos os dados disponíveis apontam para que o contorno da mancha é determinante para a resposta de «objecto

alado» e que a coloração escura é determinante para a resposta «morcego». Em termos de hábitos mediacionais e decisórios poder dizer-se que «o sujeito que rejeita a resposta potencial borboleta em favor da resposta *morcego* pode simplesmente ser mais convencional ou mais preciso ou conservador... e, para este tipo de sujeitos, a coloração da mancha pode assumir maior importância. O sujeito que retém a resposta *borboleta* e exclui a *morcego* pode ser mais dado a confiar no contorno e/ou mais pronto para eliminar a incongruência da coloração» (Exner 1991, pp. 105-106).

Esta interpretação encontra apoio nos dados recolhidos em estudos com o Cartão V, onde as respostas *morcego* e *borboleta* são populares, como em I. Quando se altera a coloração do Cartão V com cores variadas, mantendo constantes as restantes características da mancha, a frequência da resposta *borboleta* aumenta de modo acentuado, enquanto a resposta *morcego* quase desaparece. Isto parece confirmar a ideia acima definida e relativa ao Cartão I de que os indivíduos que respondem *borboleta* dão mais importância ao contorno ao passo que os que respondem *morcego* dão mais importância à coloração.

A exclusão de respostas também pode ser determinada por propensões e/ou censura. É possível induzir tais propensões ou levantar a censura e obter um número significativo de respostas, geralmente pouco frequentes em indivíduos «sem queixa», como respostas de sexo, ferimento, violência. Um destes estudos preparou 44 estudantes do ciclo complementar, no sentido de considerarem a localização de objectos associados com a sexualidade, como pénis, vagina, seios, nádegas, mais fácil para os jovens que acatam os valores culturais actuais do que para as pessoas mais velhas com valores mais conservadores. Projectaram-se *slides* das manchas, durante 60 segundos, e deram-se aos indivíduos folhas de localização onde assinalassem o que encontravam, indicando com um *M* ou *F* o carácter masculino ou feminino do órgão. Os rapazes referiram uma média de 17,3 objectos sexuais, as raparigas 22,6, com menos de 10% de qualidade «menos» (Exner, 1991, p.106).

Para além da propensão e da censura, a relação com o examinador constitui um componente importante nos juízos que levam o sujeito a admitir ou excluir uma resposta ou certo tipo

de respostas, a aumentar ou reduzir a produção das mesmas.

Na Fase III, dão-se (1) a escolha final de entre as restantes respostas potenciais e (2) a articulação da resposta escolhida.

Talvez o que justifique a diferenciação desta fase da anterior seja o facto de a maioria dos sujeitos considerar que o número de respostas potenciais disponíveis continua a ser excessivo o que determina uma escolha final, pois tudo leva a crer que as propensões relativas ao teste ou à situação de teste se mantêm activas.

Decorrente dos numerosos estudos de consistência temporal (teste-reteste), formou-se a ideia de que tanto a organização psicológica do indivíduo como o seu estado psicológico intervêm poderosamente na decisão da escolha final. Esses estudos, quer os com curto intervalo quer os com longo intervalo entre teste e reteste, revelam, repetidamente, a elevada consistência de resposta dos sujeitos examinados. É certo que parte dessa consistência é determinada pelas características dos estímulos mas não deixa de ser igualmente verdade que, quando os sujeitos são convidados a recordar as respostas dadas no teste e a produzir respostas diferentes no reteste, a distribuição das codificações em ambos os testes são muito semelhantes. «Estes factos indicam, escreve Exner, que as características permanentes do indivíduo, chamem-se estilos, traços ou hábitos de resposta, assistem a muitas ou à maioria das decisões de escolha, mas que os elementos situacionais, como necessidades passageiras, stress, etc., inclusive propensões face ao teste e/ou ... situação do reteste podem também contribuir para algumas escolhas» (1991, p. 107).

O estudo do processo de resposta, aqui longamente apresentado, leva-nos a destacar os seguintes aspectos: (1) a adopção de uma metodologia simples, rigorosa, para provar e fundamentar asserções e dados; (2) a concessão de um papel decisivo às características do campo-estímulo, a par da organização e estados psicológicos do sujeito, na formação das respostas; (3) o carácter eminentemente cognitivo das operações que presidem ao processo; (4) a importância do conhecimento deste processo para a interpretação correcta de um protocolo; (5) a indicação de que o Rorschach tem acesso aos traços de personalidade e à presença circunstancial ou eventualmente crónica de estados mais ou menos

invasores que alteram e geram novas formas de resposta.

2.3. A Projecção no Processo de Resposta

Como vimos, não se faz qualquer menção da projecção no processo de resposta e isso porque, na perspectiva de Exner, «a projecção não é requerida nem forçada entre as operações citadas e, em algumas, pode ser mesmo desencorajada» (1991, p.107). Segundo este autor e outros que, no passado, o afirmaram, a integração do Rorschach nas classificações dos testes projectivos não se afigura adequada, em favor do que aduz duas razões principais: as instruções, «*O que poderia ser isto?*», que delimitam, de imediato, um conjunto de parâmetros ao sujeito, e o facto de os estímulos não serem totalmente inestruturados.

Os utilizadores do Rorschach não têm dificuldade em reconhecer que a interpretação e os relatórios resultantes não devem, na generalidade dos casos, o principal do seu conteúdo à presença de elementos projectivos no protocolo. Muitos são, com efeito, os protocolos onde se não surpreendem quaisquer indícios de projecção. O Rorschach está longe de suscitar, como o TAT, material projectivo, muito embora este possa ocorrer não sendo de forma alguma dificultado. Não é certo que, como o sugeriu Rapaport, será sempre pertinente dar atenção aos elementos projectivos que, de quando em vez, ocorrem em alguns subtestes das Escalas de Inteligência de Wechsler ou outras de características semelhantes? A verdade, porém, é que, tal como nas Escalas de Inteligência, também no Rorschach a projecção não é o corrente.

Posto isto e reconhecidos os limites acima apontados, constituirá em princípio material projectivo, no Rorschach, toda a resposta ou o que numa resposta transgrida as exigências das instruções ou constitua elemento acessório à indicação e caracterização do objecto referido.

Exner admite a existência provável de «dois tipos de respostas projectivas, um formado durante as operações da Fase I e o segundo formado durante as operações das Fases II ou III» (1991, p.109). Na Fase I, o tipo de projecção viável assemelha-se à designada por Cattell de «falsa percepção» e por Bellak de «distorção aperceptiva». Corresponde às respostas de quali-

dade formal «menos», em conformidade com o que se escreveu atrás: o facto de nenhum dos borrões representar um objecto específico não implica que possam representar um qualquer.

As respostas «menos» são as que transgridem ou não atendem às características prevalentes dos estímulos das manchas. Tais transgressões podem ser causadas por perturbações perceptivas de origem neurofisiológica ou por propensões ou operações psicológicas internas que determinaram uma tradução do campo-estímulo desligada da realidade. Nestas últimas, é plausível a presença de projecção, como em alguma medida o sugere o estudo seguinte de Exner.

O autor empreendeu o exame das respostas «menos» de três grupos de indivíduos: um constituído por 76 esquizofrénicos paranóides, de sexo masculino; o segundo composto por 27 indivíduos do sexo masculino, tratados nos seis dias após enfarte cardíaco, e 41 com problemas gastrointestinais crónicos, com relação psicogénica; o terceiro, formado por 70 protocolos escolhidos ao acaso da amostra masculina usada no estabelecimento dos dados normativos do S.I.R.. Consideraram-se apenas as respostas «menos» de certas categorias de conteúdo.

Em relação a três classes compósitas de conteúdos detectaram-se diferenças salientes. Assim, em relação aos compostos das respostas $Hd+Ad$ e $(H)+(Hd)+(A)+(Ad)$, verificam-se as frequências de 22% e 15%, no grupo dos esquizo-paranóides, significativamente maiores do que as dos outros dois grupos; para o composto $An+Xy$, verifica-se uma frequência de 35%, no grupo dos indivíduos com problemas médicos, significativamente maior do que as dos outros dois grupos (1991, pp. 110-111).

O facto de mais de um terço das respostas «menos» dos grupos experimentais ocorrer nas classes de conteúdo indicadas, sugere a existência de uma propensão ou preocupação, existente nos indivíduos, responsável pela distorção ou falsa percepção resultante. A sua intensidade é tal que persiste ao longo da segunda e da terceira fase, até à articulação da resposta. Será, no entanto, arriscado admitir-se que todas as respostas «menos» são projectivas. Não há modo de assegurar que os restantes dois terços das respostas «menos» daqueles dois grupos sejam, a igual título, projectivas. Acresce que, para diversos outros grupos similarmente examinados, não se

obtiveram resultados análogos. De momento, não existe dispositivo que permita afirmar a qualidade projectiva da maioria das respostas «menos».

As Fases II e III, de reexame do campo-estímulo no intuito de apurar respostas potenciais, de ordenação destas respostas pela comparação recíproca e exclusão de algumas delas, e de escolha final das que serão articuladas, constituem os momentos por excelência de probabilidade e possibilidade de projecção. E para que não restem quaisquer dúvidas sobre o tipo de projecção em jogo, eis uma citação ilustrativa de Exner: «Mesmo dentro dos parâmetros que restringem o campo-estímulo, ... , um indivíduo pode ampliar a resposta, como em *É um copo feito por uma pessoa muito conscienciosa*. De igual modo a maioria das pessoas interrogadas sobre *Quantos são dois vezes dois* respondem *Quatro* mas podiam acrescentar-lhe pormenores de maneira projectiva, como em *A resposta é quatro, o meu número favorito, porque representa as quatro estações do ano, importantes no ciclo de vida*. Esta elaboração parece nitidamente reflectir algo sobre a pessoa, pois nada no campo-estímulo ou na pergunta o determina» (1991, p. 111).

Um aspecto referente ao valor projectivo das respostas, no âmbito dos métodos projectivos, geralmente aceite pelos mais diferentes teorizadores é o de que uma resposta única não constitui indicador seguro de projecção, particularmente quando ocorre em resposta a itens que sugerem o conteúdo referido. Por exemplo, uma história contada em resposta ao Cartão 8-BM do TAT que integre um tema alusivo a agressão, não pode ser considerada como marcada de conteúdo projectivo, já que aquele tema é, por assim dizer, exigido pelos parâmetros do estímulo. Se esta for a única referência à agressividade, no protocolo total, de modo nenhum permitirá ilações sobre esta variável no indivíduo, para além da indicação do tema corrente ou dum comportamento de simples e ajustada classificação do campo-estímulo.

Nesta linha, Exner considera mais seguro adoptar a frequência de respostas acima da média normativa, como critério interpretativo de respostas projectivas. Como base consistente desta medida, aquele autor refere os estudos

empreendidos para o estabelecimento do código das respostas de movimento cooperativo (*COP*).

Num primeiro estudo, consideraram-se 150 protocolos de Rorschach de indivíduos avaliados com a Escala de Adaptação de Katz, Forma R. Cinquenta dos indivíduos foram escolhidos por terem nota alta nas subescalas relacionadas com cooperação interpessoal e baixa nas subescalas relacionadas com agressão. Cinquenta foram escolhidos por terem cotação alta nas subescalas com agressividade e 50 seleccionados por terem notas altas em características depressivas. No primeiro grupo, *COP* elevado, todos os indivíduos deram pelo menos duas respostas *COP* e 39 deram mais do que três, 20% deram pelo menos uma resposta de Agressão (*AG*) e um terço deram pelo menos uma resposta de conteúdo mórbido (*MOR*). No segundo grupo, *AG* elevado, 41 indivíduos deram pelo menos duas respostas *AG* e 32 deram três ou mais, e 19 deram pelo menos 1 *COP*. No terceiro grupo, *MOR* elevado, 36 indivíduos deram mais do que duas respostas *MOR*, embora 18 tenham dado duas ou mais *AG* e 16 pelo menos 2 *COP* (Exner, 1991, pp. 112-113).

Estes dados confirmam com clareza as expectativas mas o facto de, por vezes, ocorrerem misturadas respostas verosimilmente projectivas determinou a formulação de duas experiências inter-relacionadas. A primeira propunha-se verificar se cada um dos 3 tipos de resposta, *COP*, *AG*, *MOR*, seria facilmente identificado nas mesmas áreas das manchas. Pretendia-se assim avaliar se tais respostas podiam resultar tão só das operações de classificação do estímulo e, por conseguinte, não ser projectivas.

Projectaram-se *slides* de 7 cartões do Rorschach a 45 indivíduos adultos, «sem queixa», desconhecedores do teste, constituídos em três grupos de 15. A projecção de cada *slide* durava 15 segundos, com intervalo de 10 segundos entre eles. Cada indivíduo dispunha de um caderno de 21 folhas com reproduções das manchas, cada uma das quais com uma resposta escrita por cima da figura. Cumpria ao indivíduo olhar a mancha projectada, descobrir onde se encontrava a resposta escrita e traçar, na folha de localização, a área correspondente.

Escolheram-se 21 respostas suficientemente específicas, três para cada borrão: sete respostas *COP*, sete *AG* e sete *MOR*. Cada conjunto de

três respostas ocorria na mesma área da mancha e todas elas eram de qualidade formal «ordinária». Para cada grupo de 15 indivíduos foram distribuídas ao acaso de modo que, ao responder, 5 deles deviam descobrir conteúdo *COP* nos 7 cartões, 5 encontrar conteúdo *AG* e 5 conteúdo *MOR*. Os resultados indicam que, considerada a propensão para a resposta, todas as respostas foram localizadas com facilidade muito próxima, com excepção de duas respostas cuja frequência, aliás, não é significativamente diferente das restantes. Conclui-se, assim, que qualquer destas respostas poderá estar presente, nos momentos de refinamento e de ponderação das respostas potenciais, durante as Fases II e III. Poderia alguém defender que o indivíduo é guiado pelas propensões internas, na elaboração duma área da mancha, as quais terão impacto nas características da tradução. Neste caso, a resposta incluiria alguma projecção, faltando-lhe apenas vencer a barreira da censura ou da avaliação e ser articulada.

Na segunda experiência, foram examinados, com o Rorschach, 45 adultos «sem queixa», que o não conheciam, a quem se propôs participar num estudo sobre sensibilidade social. Distribuídos ao acaso por três grupos de 15, três examinadores, desconhecedores do objectivo do estudo, examinaram cinco indivíduos de cada grupo. Cada indivíduo, após uma entrevista breve de recolha de dados demográficos, preenchia um questionário referente a actividades vocacionais, avocacionais e sociais. Apresentava-se, em seguida, o Rorschach e, antes de iniciar a aplicação, criava-se no indivíduo, através de instruções específicas, propensão para dar respostas *COP*, *AG* e *MOR*.

Os resultados indicam que as propensões criadas, apesar de provavelmente passageiras, interferiram na escolha das respostas dadas. Embora as médias de respostas *M* (movimento humano) e *FM* (movimento animal) sejam semelhantes nos três grupos, o grupo com propensão induzida para respostas *AG* deu significativamente menos respostas *COP* do que os dois outros grupos, tendo todos os indivíduos daquele grupo dado pelo menos 1 *M* e 1 *FM* agressivos. No grupo *COP*, apenas 4 indivíduos deram respostas *AG* e todos deram 1 *M* e 1 *FM* *COP*. No grupo *MOR*, todos os indivíduos deram respostas *MOR* mas

14 deram pelo menos 1 resposta *COP* e 9 deram pelo menos 1 resposta *AG*.

Independentemente de não se poder afirmar até que ponto os sujeitos guardaram ou não a consciência das propensões induzidas na fase prévia ao teste, os resultados encontrados permitem a Exner extrair duas reflexões: (1) se a presença de propensões de resposta, admissivelmente passageiras, tem tais efeitos, mais seguros serão os efeitos de características da organização da personalidade, como necessidades, interesses, atitudes, conflitos, etc.; (2) a ocorrência de respostas consideradas geralmente projectivas, para além das predominantes induzidas pelas propensões, em frequências apreciáveis que não podem ser desprezadas.

O autor considera que não deverão considerar-se todas estas respostas igualmente projectivas e encarar muitas das menos frequentes como modos de classificação dos estímulos das manchas. Os dados normativos reforçam, de algum modo, esta ideia, já que 70% dos 700 indivíduos adultos «sem queixa», que constituem a amostra, dão pelo menos uma resposta *COP*, 67% dão pelo menos uma resposta *AG* e 51% dão uma resposta *MOR*, e que a maioria dessas respostas ocorrem em cartões específicos. «Isto não significa dizer que tais respostas não são importantes, escreve Exner, mas sublinhar que, se se considerarem na interpretação respostas que parecem conter características projectivas, elas deverão ser consideradas com cautela e com o conhecimento de que se formularão interpretações mais válidas, quando essas respostas ocorrerem com frequência maior do que a usual. Esta perspectiva, conquanto conservadora, proporciona alguma segurança de que os dados do teste não serão mal usados e que o conceito de projecção será aplicado dentro de limites realistas» (1991, p.116).

2.4. *A Garantia ou Consistência Temporal do Rorschach*

Nunca, até ao aparecimento dos primeiros estudos da garantia por Exner e colaboradores, na década de setenta, se tinham logrado resultados tão sólidos e convincentes neste sector da investigação do Rorschach. Para além de constituir uma qualidade essencial dos instrumentos de medida, a garantia é ainda prova, no caso de

Rorschach, como já atrás ficou salientado, da presença de características de personalidade, por definição, quase-permanentes. O método mais adequado e usado na determinação da garantia do Rorschach foi o de teste e reteste.

Efectuaram-se dezenas de estudos com diversos grupos de crianças e adultos «sem queixa», retestados com diferentes intervalos, de alguns dias até três anos, tendo-se obtido uma e outra vez resultados muito próximos. Consideradas 25 das principais variáveis do Rorschach, sete das quais razões e percentagens de grande importância na interpretação, obtiveram-se, em dois grupos de indivíduos retestados com 1 e 3 anos de intervalo, entre 12 e 14 valores de correlação de 0,80 a 0,91 e 5 abaixo de 0,72 ou 0,70. As variáveis com valores de consistência temporal mais elevados foram consideradas variáveis-traço; as com valores mais baixos foram consideradas variáveis-estado. Entre estas, destacam-se como particularmente instáveis ou situacionais, o determinante movimento inanimado (*m*) e o determinante sombreado difusão (*Y*). Os valores intermédios, entre 0,70 e 0,80, correspondem a variáveis a que se atribui considerável estabilidade mas estão mais sujeitas à influência de condições várias, inclusive a extensão dos intervalos de tempo (Exner, 1986, p.45). Registe-se que, com crianças, não se obtêm naturalmente valores elevados como os referidos, a não ser que os intervalos entre teste e reteste sejam curtos, inferiores a um mês.

Um aspecto importante evidenciado por estes estudos é o de que a memória não constitui o principal agente da garantia do teste, como pretendiam alguns autores. Se é certo que, em estudos com intervalos de tempo curtos, a memória está presente na ocorrência de um elevado número de respostas idênticas, quando o intervalo é longo, de um ano ou mais, a sua acção é certamente menor. Num estudo de garantia, testaram-se dois grupos de crianças de idade escolar. Passados três ou quatro dias, os mesmos grupos foram retestados mas um deles recebeu previamente a instrução de não dar nenhuma das respostas dadas da primeira vez. Verificou-se, com efeito, que este grupo deu um número pequeno de respostas idênticas ao passo que o outro apresentou um elevado número de respostas do primeiro teste. Ambos, todavia, apresentaram valores de correlação elevados e próximos (Exner,

1986, p. 48). Este facto indica que não é a memória a responsável da garantia do Rorschach mas, como já atrás se observou, os próprios estímulos e as características quase-permanentes da personalidade dos sujeitos.

Os estados também influenciam a escolha das respostas. As variações acentuadas de necessidades e emoções, uma súbita experiência de stress geram estados que originam formas inabituais de comportamento e de resposta. Múltiplos estudos mostraram que as variáveis de movimento inanimado e de sombreado-difusão estão ligadas ao stress situacional. A análise dos protocolos de 30 indivíduos que haviam rompido recentemente uma relação emocional estreita, revelou uma média de cerca de 4 respostas de textura, quando a média normativa desse determinante se aproxima de 1. Retestados 10 meses mais tarde, 21 deles referiram que tinham uma nova relação ou haviam restabelecido a interrompida. Estes deram uma média de respostas de textura, no reteste, bastante inferior à primeira. Os 9 restantes, que mantinham o sentido de perda, continuaram a dar 3 ou mais respostas de textura no reteste (Exner, 1986, p. 50).

Muitos estados são passageiros, outros podem transformar-se numa sobrecarga que ocasiona a ocorrência de certos tipos de resposta. É o que acontece com a depressão cujos pacientes se caracterizam por recorrerem, mais do que é comum, aos determinantes acromáticos (*C'*) e sombreado-Vista (*V*), e acrescentam uma nota de morbidez aos conteúdos das respostas (*MOR*), para além de revelarem um baixo índice de auto-estima (Exner, 1986, p. 50).

2.5. Valor da Estandardização

Um dos aspectos que, por certo, mais determinou a grande aceitação do S.I.R. foi a preocupação inicial de obter dados normativos a partir de uma amostra suficientemente ampla, estratificada e representativa da população dos Estados Unidos da América do Norte. O estabelecimento desses dados permitiu, talvez pela primeira vez, caracterizar o protocolo dos sujeitos «sem queixa». De facto, uma das limitações que, na qualidade de utilizadores do Rorschach, muitas vezes experimentávamos era a do desconhecimento das características do protocolo normal ou normativo. A orientação predominantemente psico-

patológica do Rorschach permitia, quase só, ilações e caracterizações talvez ajustadas para casos ou grupos de pacientes, mas não proporcionava, naturalmente, uma ideia adequada de como se passavam as coisas com indivíduos não-pacientes, subsistindo, de alguma maneira, o risco de pretender-se caracterizar o comportamento ajustado, a partir de ou por oposição ao comportamento perturbado.

Outra particularidade assinalável, a de que, em grande medida, a construção do Sistema, o significado das variáveis e o respectivo peso ou importância assumíveis na interpretação contam sempre com a referência específica e concreta dos dados normativos colhidos, o que lhes confere unidade e coerência inestimáveis. Acresce que, de posse destes dados e com a eficiente ajuda do computador, é possível, com facilidade e rapidez, confirmar ou infirmar hipóteses, proceder a uma ampla variedade de operações e estudos comparativos inter-grupos, detectar particularidades do comportamento de certas variáveis isoladas ou em relação com outras, caracterizar melhor o desvio, a perturbação por referência à norma e ao ajustamento e, algumas vezes também, reforçar e até esclarecer melhor a compreensão do significado de certos dados normativos, frente aos encontrados em grupos de pacientes.

O desenvolvimento do SIR, que ainda não terminou, introduziu diversas inovações e com elas trouxe solução para dificuldades que, muitas vezes, não haviam sido consideradas ou tinham encontrado solução insatisfatória. Referirei aqui algumas. Um momento importante que merece bastante atenção por parte de quem se inicia no SIR, o da aplicação do teste. Houve um grande esforço de estandardização das instruções por forma a que a presença do examinador esteja quanto possível ausente do protocolo obtido e este, em consequência, seja um produto livre e acabado do examinado. O procedimento de aplicação foi concebido de modo a que o número de respostas obtido (*R*) não seja nem elevado nem reduzido. De facto, o *R* médio encontrado com a amostra de 350 homens e 350 mulheres é de 22,14 e um desvio padrão de 3,94, verificando-se que o *R* máximo foi de 35 e o mínimo 14. Esclareça-se, desde já, que 14 é o número mínimo de respostas admissível para que um protocolo seja interpretativamente válido. Não se

trata de uma decisão arbitrária mas derivada de estudo prolongado que levou ao seu estabelecimento, em 1989, tendo-se verificado que os protocolos com menos de 14 respostas não têm garantia (Exner 1991, p. 126).

Quanto ao procedimento introduzido no sentido de se evitar a ocorrência de protocolos longos, fundamenta-se num estudo que permitiu verificar que a sua interpretação, com base apenas nas primeiras cinco respostas a cada Cartão, se aproximava de modo flagrante da interpretação do protocolo completo (Exner, 1986, p. 69).

A importância da diminuição da variabilidade dos *R* traduz-se, entre outras vantagens, em que, com ela, se reduzem apreciavelmente os múltiplos problemas repetidamente apontados ao Rorschach, que impediam, em boa medida, o acesso do teste ao tratamento psicométrico e à investigação credível. A tentativa mais radical de solucionar esta e outras limitações foi a de Holtzman, que criou um novo instrumento, o Holtzman Inkblot Test, constituído por duas formas paralelas A e B, com 45 cartões cada, cujas instruções, semelhantes às do Rorschach, solicitavam ao sujeito uma resposta por cartão. O problema do *R*, abordado objectivamente, no passado, por Cronbach (1949) e Fisk e Baughman (1953), entre outros estudiosos, surge recentemente tratado num simpósio realizado no Mid-Winter Meeting da Society for Personality Assessment, Março 1991, e publicado no *Journal of Personality Assessment* (1992). Constitui um problema bastante importante, com graves implicações na investigação, nomeadamente a organização dos planos experimentais e tratamento estatístico dos resultados. Com efeito, existe, em princípio, uma relação entre o *R* e cada uma das variáveis do Rorschach, o que possibilita a afirmação, por exemplo, de que um elevado número de respostas de movimento, sombreado, cor, etc., se deve, em certa medida, ao *R*, o que retira valor ao significado interpretativo atribuído àquelas variáveis.

Os dados normativos do SIR abrangem as crianças dos 5 aos 16 anos, com um *N* de 1.390 crianças «sem queixa», que se distribuem em grupos etários de 80 a 140 crianças cada, e um total de 700 adultos. São apresentados em tabelas que indicam, para cada uma de 111 variáveis, conjuntos de variáveis, percentagens, etc., a média e o desvio padrão, a ocorrência mínima e

a máxima, a frequência dos sujeitos que as apresentam, a mediana, a moda, a assimetria e a curtose. A última edição do *Rorschach Workbook* (1990) traz assinalados os valores dos Desvios Padrão tidos como provavelmente sem garantia e ilusórios, que não devem ser usados em estimativas da variação nem em análises paramétricas. Nunca os dados normativos do Rorschach foram tão completamente apresentados em termos de estatística descritiva. Pertence, naturalmente, ao utilizador saber ler esses valores e tomá-los em consideração na análise e interpretação dos resultados. Além destas tabelas, existem outras que apresentam frequências de 35 variáveis cujo conhecimento se revela igualmente muito útil na análise e interpretação dos resultados. São ainda apresentados dados de amostras de três grupos de sujeitos psiquiátricos: 320 esquizofrénicos internados, 315 depressivos internados e 180 pacientes externos com desordens de carácter. Tais dados, observa Exner, «não devem ser considerados normativos», já que as amostras não foram estratificadas (Exner, 1990, p.157).

2.6. Por Onde Iniciar a Interpretação?

Para encerrar este capítulo sobre o Rorschach como instrumento de avaliação, de que se apontaram apenas certos aspectos que se impuseram como mais salientes, referirei a proposta de Exner referente à escolha de uma estratégia de interpretação, para cada protocolo que se nos apresente. Este é um aspecto que, em meu conhecimento, jamais foi considerado, pelo menos metodicamente, por outro sistema. Todo o protocolo interpretativamente válido «contém dados relacionados com a ideação, a emoção, as preferências de confrontação e estilos de resposta, a capacidade de controlo, a percepção de si próprio, o processamento da informação, a percepção interpessoal, a mediação cognitiva e possivelmente alguma informação sobre estratégias defensivas de rotina», escreve Exner (1991, p.142). Todos estes aspectos deverão ser considerados na análise e interpretação dos protocolos e todos eles se relacionam entre si, já que a personalidade é um todo organizado.

Perante um protocolo e o respectivo sumário estrutural, por onde iniciar a interpretação? No SIR, um grande número de variáveis, tendem a

agrupar-se em conjuntos que se relacionam com comportamentos ou funções específicas da personalidade. Constituíram-se sete componentes ou funções a que se ligam conjuntos de variáveis. São eles: aspectos afectivos, capacidade de controlo e tolerância ao stress, mediação cognitiva, ideação, processamento da informação, percepção interpessoal e relações, percepção de si próprio e stress situacional (Cf. Tabela 1). Trezentos protocolos de indivíduos pacientes não-esquizofrénicos, foram classificados em sete grupos, afecto, ideação, mediação, etc., consoante o conjunto de variáveis que maior número de afirmações produzia sobre cada protocolo. A partir daqui, procurou verificar-se se, no interior de cada grupo, algum conjunto de dados homogéneos era susceptível de diferenciar os grupos uns dos outros. Foi, assim, possível encontrar uma série de 10 variáveis-Chave capazes de prever qual o conjunto de variáveis que maior número de informações gerava sobre cada protocolo (Cf. Tabela 2). Deste modo, perante um protocolo a interpretar, o passo inicial, após a avaliação da sua validade interpretativa, é o de detectar qual a primeira variável-Chave positiva da série encontrada. Cumprindo este momento, temos delineado o processo interpretativo. Assim, se num protocolo, a primeira variável-Chave positiva for o *erlebnistypus* introversivo, a interpretação iniciar-se-á pela análise do conjunto de variáveis ligadas à ideação, a que se segue o processamento da informação, a mediação cognitiva, o controlo, o afecto, a percepção de si próprio e a percepção interpessoal. A grande vantagem deste procedimento reside em que a interpretação se inicia sempre pela análise do conjunto de dados que mais informação proporciona sobre os aspectos cruciais da personalidade de cada indivíduo.

É bem provável que as hipóteses de diagnóstico sejam mais correctamente formuladas desde o início, observando este procedimento.

Para uma compreensão mais esclarecida desta questão, ver 2.^a edição do vol. II de *The Rorschach: A Comprehensive System*, 1991, pp. 140-153.

3. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO NO RORSCHACH

Quem conhece e tem acompanhado o desen-

volvimento do Sistema Integrativo não pode deixar de se admirar com o imenso trabalho executado, com as descobertas que a investigação proporciona, algumas delas determinantes de revisões e rectificações tantas vezes corajosas e exemplares como foi a da completa revisão dos dados normativos já estabelecidos, em virtude de se ter reconhecido a falta de garantia e de validade dos chamados «protocolos breves» ou com menos de 14 respostas. À medida que a investigação avança e colhe os seus frutos, maior, o conhecimento do instrumento, do seu funcionamento e da natureza das variáveis em estudo e maior é também a exigência quanto ao rigor e precisão das metodologias e procedimentos utilizados.

No momento actual, a investigação e o Rorschach constitui um tema caro ao grupo das Rorschach Workshops. No encontro anual da Society for Personality Assessment, que se realizou em Março de 1992, em Washington, e em que tive o gosto de participar, o problema foi de novo abordado. O último capítulo da 2.^a edição do 2.^o volume do *Comprehensive System*, acima referido, intitula-se exactamente «A Investigação e o Rorschach». Dele referirei aqui alguns tópicos.

3.1. *Viés do examinador e examinadores múltiplos*

A adopção da posição lado-a-lado e nunca frente-a-frente, na aplicação do Rorschach, teve como principal objectivo reduzir a influência no examinando de sinais ou indícios não-verbais que, inadvertidamente, o examinador emite. Com isto, não se pense que fica abolida a influência do examinador. Por esta razão, considera-se desaconselhável a intervenção do investigador principal no trabalho de investigação, sobretudo quando se trata de confirmação de hipóteses. Este deve ser efectuado por examinadores que desconheçam a natureza e objectivo específico do estudo. Idealmente, cada examinador não deve examinar mais do que 10 a 20% dos sujeitos numa investigação e, no caso de haver mais do que um grupo, os sujeitos serão distribuídos ao acaso por todos os examinadores. Noutros casos, poderá haver mais tolerância mas uma tolerância ponderada e esclarecida.

TABELA 1
Conglomerados de variáveis ligados a vários aspectos psicológicos

COMPONENTE OU FUNÇÃO	VARIÁVEIS
ASPECTOS AFECTIVOS	<i>EB</i> (estilo extratensivo), <i>EBPer, eb</i> (valor do lado direito: <i>C', T, V, Y</i>), <i>FC:CF+C</i> , qualidade do <i>C Puro</i> , <i>Afr, CP, S</i> , Combinações, Combinações Cor-Sombreado, Combinações de Sombreados
CAPACIDADE DE CONTROLO & TOLERÂNCIA AO STRESS	Nota <i>D</i> , Nota <i>D</i> Corrigida, <i>EA</i> (Soma de <i>M</i> , Soma de <i>C</i>), es (<i>FM, T, V, C'</i>), <i>CDI</i> .
MEDIAÇÃO COGNITIVA	$L > 0,99$, <i>P, OBS, X+%, Xu%, X-%, S-%</i> (revisão das respostas menos segundo <i>S</i> , agrupamentos homogéneos, níveis de distorção), <i>CONFAB</i> .
IDEAÇÃO	<i>EB</i> (estilo introversivo), <i>EBPer, eb</i> (valor do lado esquerdo: <i>FM, m</i>), <i>a:p, Ma:Mp, 2AB+(Art+Ay)</i> , <i>MOR, 6Sp Sc (Lv1 vs Lv2)</i> , <i>MQ</i> , Qualidade das respostas <i>M</i> .
PROCESSAMENTO DA INFORMAÇÃO	$L > 0,99$, <i>OBS, HVI, Zf, W:D: Dd, (W:M), DQ, Zd, PSV</i> , Sequência das localizações.
PERCEPÇÃO INTERPESSOAL RELAÇÕES	$p > a+1$, <i>CDI, Fd, T, HVI, PER, COP, AG, ISOL/R</i> , Conteúdo de Respostas de Movimento que contêm um Par, Todos os Conteúdos Humanos.
PERCEPÇÃO DE SI	$3r+(2)/R$, (<i>Fr+rF</i>), <i>Fd, V, H Puro: H não-Puro, An+Xy, MOR</i> , Conteúdo das Respostas Menos, Conteúdo de todas as Respostas de Movimento.
STRESS LIGADO À SITUAÇÃO	<i>D, AdjD, EA, EB</i> (valores de zero), <i>m, Y, T</i> , Complexidade das Combinações, Combinações Cor-Sombreado (<i>m & Y</i>), <i>C Puro, M sem Forma, M-</i> .

NOTA: *EB* só é indicador de estilo quando, para um *EA* de valor até 10 pontos, a diferença entre os dois lados for de 2 ou mais pontos; se o valor de *EA* for superior a 10 pontos, a diferença entre os dois lados deverá ser de 2,5 ou mais pontos.

(Extraído de John E. Exner, Jr., *The Rorschach A Comprehensive System Vol. I: Basic Foundations*, 3rd ed., John Wiley & Sons, Inc, 1993, p. 323.)

3.2. Acordo entre cotadores

Em princípio, o examinador codifica e cota o protocolo que recolheu mas, em investigação, é necessário assegurar-se da correcção da codificação e cotação. Isto consegue-se mediante o recurso a outro ou outros cotadores. Não se trata de discutir ou de chegar a acordo quanto a deter-

minada codificação, pois isso equivale, como muito bem observa Exner, a reconhecer que «os critérios de codificação não podem ser uniformemente aplicados» (1991, p. 459); trata-se sim, de calcular a garantia inter-cotadores. O método proposto é o de determinar uma percentagem de acordo entre os cotadores, relativamente a cada variável codificada. A questão da garantia inter-

TABELA 2
Estratégias de exame interpretativo com base em variáveis chave

VARIÁVEL POSITIVA	SEQUÊNCIA DO EXAME DOS CONGLOMERADOS TÍPICOS
<i>SCZI</i> > 3	IDEAÇÃO → MEDIAÇÃO → PROCESSAMENTO → CONTROLO → AFECTO → PERCEPÇÃO DE SI → PERCEPÇÃO INTERPESSOAL
<i>DEPI</i> > 5	AFECTO → CONTROLO → PERCEPÇÃO DE SI → PERCEPÇÃO INTERPESSOAL → PROCESSAMENTO → MEDIAÇÃO → IDEAÇÃO
<i>D</i> < <i>Adj D</i>	CONTROLO → STRESS SITUACIONAL → (A restante sequência do exame deve ser identificada pela variável chave positiva seguinte ou pela lista de variáveis terciárias)
<i>CDI</i> > 3	CONTROLO → AFECTO → PERCEPÇÃO DE SI → PERCEPÇÃO INTERPESSOAL → PROCESSAMENTO → MEDIAÇÃO → IDEAÇÃO
<i>Adj D</i> é negativa	CONTROLO → (A restante sequência do exame deve ser a identificada pela variável chave positiva seguinte ou pela lista de variáveis terciárias)
<i>LÂMBDA</i> > 0,99	PROCESSAMENTO → MEDIAÇÃO → IDEAÇÃO → CONTROLO → AFECTO → PERCEPÇÃO DE SI → PERCEPÇÃO INTERPESSOAL
<i>REFLEXOS</i> > 0	PERCEPÇÃO DE SI → PERCEPÇÃO INTERPESSOAL → CONTROLO → (A restante sequência do exame deve ser escolhida a partir da identificada pela variável chave positiva seguinte ou pela lista das variáveis terciárias)
<i>EB</i> (INTROVERSIVO)	IDEAÇÃO → PROCESSAMENTO → MEDIAÇÃO → CONTROLO → AFECTO → PERCEPÇÃO DE SI → PERCEPÇÃO INTERPESSOAL
<i>EB</i> (EXTRATENSIVO)	AFECTO → PERCEPÇÃO DE SI → PERCEPÇÃO INTERPESSOAL → CONTROLO → PROCESSAMENTO → MEDIAÇÃO → IDEAÇÃO
<i>p</i> > <i>a</i> +1	IDEAÇÃO → PROCESSAMENTO → MEDIAÇÃO → CONTROLO → PERCEPÇÃO DE SI → PERCEPÇÃO INTERPESSOAL → AFECTO
<i>HVI</i> POSITIVO	IDEAÇÃO → PROCESSAMENTO → MEDIAÇÃO → CONTROLO → PERCEPÇÃO DE SI → PERCEPÇÃO INTERPESSOAL → AFECTO

Extraído de John E. Exner, Jr., *The Rorschach A Comprehensive System Vol. I: Basic Foundations*, 3rd ed., John Wiley & Sons, Inc, 1993, p. 348.

cotadores assume tal importância que Irving Weiner introduz, em editorial do *Journal of Personality Assessment*, a seguinte norma: «... de acordo com a prática psicométrica, o *Journal of Personality Assessment* passará a exigir rotineiramente prova de acordo inter-cotadores em artigos que apresentem investigação com o Rorschach» (Weiner, 1991). E indica um procedimento de avaliação da garantia inter-cotadores cujo valor tem de atingir no mínimo os 80% de acordo. A prova da garantia, segundo Exner, incidirá sobre entre 25% a 35% dos protocolos ou das respostas retirados(as) ao acaso de entre o conjunto total.

3.3. *Dados normativos e investigação*

Os dados normativos não podem servir como amostra de controlo com que comparar grupos estudados. De maneira geral, os pequenos grupos com que se trabalha em investigação têm uma ou mais características que os tornam homogéneos. As amostras de que se extraem os dados normativos são estratificadas, não homogéneas, pelo que seria um erro usá-las com funções de controlo.

Os planos de investigação devem obedecer em tudo às normas de qualquer experiência psicológica. Os grupos de controlo deverão, por conseguinte, ter características semelhantes às do grupo experimental.

3.4. *Aplicações estatísticas*

Neste parágrafo, Exner adverte sobre a necessidade existente de se conhecerem bem os problemas a enfrentar: «as hipóteses a testar, os dados a usar, as características das variáveis a analisar e as exigências ou pré-requisitos dos procedimentos em consideração» (Exner, 1991, p. 462). Muito frequentemente, as técnicas estatísticas mais sofisticadas e robustas não são as mais indicadas em investigação com o Rorschach. Neste campo, os matemáticos podem ajudar o psicólogo mas este tem de estar em condições de poder esclarecê-los correctamente sobre os diversos aspectos enumerados.

No trabalho com o Rorschach, a estatística descritiva tem um papel decisivo porque proporciona uma visão concreta e correcta dos dados, distribuição das variáveis, sua variabilidade, sua

normalidade, etc.. Escreve Exner: «... muitas variáveis do Rorschach não têm distribuições gausseanas nítidas; com essas variáveis, os dados de médias e desvios-padrão têm um valor limitado e, em muitos casos, totalmente enganador. Muitas vezes, separar a mediana, os limites de variação e os dados da frequência numa variável ajuda bastante a obter uma melhor representação numa distribuição, sobretudo quando a distribuição é vincadamente assimétrica. Se se acrescentarem os dados da assimetria e da curtose, a representação enriquece-se e, por vezes, o uso da moda pode destacá-la mais, mas é importante notar que algumas variáveis têm mais do que uma moda» (1991, p. 463). Nesta linha, o autor invoca o trabalho de Cronbach, datado de 1949, «*Statistical Methods Applied to Rorschach Scores*», que, em sua opinião, devia ser lido por quantos estão interessados em aprender sobre o Rorschach.

4. EPÍLOGO

Não há trezentas maneiras de construir o conhecimento científico, há regras para o fazer, regras que constituem o método. A crítica da ciência, feita nas décadas passadas, não propôs novos métodos de construção do conhecimento científico e sobretudo não propôs sendas de retrocesso. As ciências humanas constituem, de facto, um campo de estudo e de investigação com características próprias, notoriamente distintas das das ciências ditas positivas, mas o que lhes confere a designação de ciência é fundamentalmente a operacionalidade dos conceitos e métodos que utilizam. Jamais o produto da vontade, da imaginação e do pensamento de um indivíduo acederá ao plano do conhecimento científico, se não passar pelo crivo das operações conceptuais e metódicas que o tornam objectivo, isto é, independente do sujeito, dotado de apropriabilidade e de valor reconhecidos de quantos dele se abeirem com curiosidade ou necessidade de saber. Nisto se distingue da arte que, originando-se também na vontade, imaginação e pensamento, visa o sentimento estético pessoal e alheio, dispõe de técnicas de expressão mas não de métodos. Pode pretender atingir uma certa forma de unificação das subjectividades mas desconhece a intenção da objectividade, um dos alvos da ciência.

O valor do Rorschach, enquanto instrumento de avaliação e diagnóstico, continua a depender e dependerá ainda, por tempo desconhecido, do valor, isto é, do saber e conhecimento ou ciência de quem o utilize. Penso, todavia, que esta dependência não é irredutível, que ela pode ser progressivamente minorada.

Existem duas vias fundamentais de conseguir alcançar este objectivo: uma consiste na busca de um conhecimento mais apurado da natureza e do processo de resposta do Rorschach, isto é, como funciona o Rorschach, que operações assistem ao acto de resposta, na situação de exame; outra visa a obtenção e definição dos dados que permitam uma interpretação fundada e a formulação de juízos de diagnóstico e de prognóstico correctos. Como facilmente se reconhece, ambas se implicam e apenas juntas permitirão a realização do objectivo final.

O alcance deste objectivo, porém, só mediante a observância das regras do método científico será atingido. As opiniões e pareceres pessoais, poderão ser importantes, interessantes, esclarecidos até, ser o fruto duma intuição e imaginação verdadeiramente profícuas, acatadas e reconhecidas por amigos, simpatizantes ou por quem veja neles qualquer conveniência, mas manter-se-ão destituídos de estatuto científico. Isto não significa que a intuição e a imaginação devam ser postergadas da construção da ciência, onde ocupam, por assim dizer, o *Sanctum Sanctorum* do templo. Significa sim que aquelas funções, em suas operações, serão orientadas, assistidas pelo conhecimento científico disponível; que este, no seu desenvolvimento, será nutrido por elas mas não se lhes reduzirá, antes as transformará submetendo-as ao metabolismo das operações conceptuais e metódicas da ciência.

O esforço da investigação que sustenta o S.I.R. coloca-se nas duas vias referidas e, como procurei mostrar neste e em trabalhos anteriores, tem produzido resultados cuja aceitação extensa e ampla, no mundo da psicologia, constitui certamente prova da sua consistência científica.

BIBLIOGRAFIA¹

Baughman, E.E. (1965). The Role of the Stimulus in Rorschach Responses. In *Handbook of Projective Techniques* (B.I. Murstein, Ed.), pp. 221-255, New York: Basic Books.

- Chabert, C. (1983). *Le Rorschach en Clinique Adulte. Interprétation Psychanalytique*. Paris: Dunod.
- Chabert, C. (1987). *La Psychopathologie à l'Épreuve du Rorschach*. Paris: Dunod.
- Chiva, M. (1973). L'Élaboration Statistique des Données du Rorschach. *Psychologie Française*, 18: 195-212.
- Cronbach, L.J. (1949). Statistical Methods Applied to Rorschach Scores: A Review. *Psychological Bulletin*, 46: 393-429.
- Cronbach, L.J. (1955). Les Exigences de la Validation des Techniques Projectives. *Revue de Psychologie Appliquée*, 5: 245-253.
- Cronbach, L.J. & Meehl, P.E. (1955a). Construct Validity in Psychological Tests. *Psychological Bulletin*, 52: 281-302.
- Exner, J.E. (1986). *The Rorschach: A Comprehensive System Vol. 1: Basic Foundations* (2nd ed.). New York: Wiley.
- Exner, J.E. (1990). *A Rorschach Workbook for the Comprehensive System* (3rd ed.) Rorschach Workshops.
- Exner, J.E. (1991). *The Rorschach: A Comprehensive System Vol. 2: Interpretation* (2nd ed.). New York: Wiley.
- Exner, J.E. (1992). R in Rorschach Research: A Ghost Revisited. *Journal of Personality Assessment*, 58: 245-251.
- Exner, J.E. (1993). *The Rorschach: A Comprehensive System, Vol. 1: Basic Foundations* (3rd ed.). New York: Wiley.
- Fisk, D.W. & Baughman, E.E. (1953). Relationships Between Rorschach Scoring Categories and the Total Number of Responses. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 48: pp.25-32. Inserido por Murstein (Ed.) in *Handbook of Projective Techniques*, 1965, New York: Basic Books, pp. 257-271.
- Kinder, B.N. (1992). The Problem of R in Clinical Settings and in Research: Suggestions for the Future. *Journal of Personality Assessment*, 58: 252-259.
- Lerner, P.M. (1991). *Psychoanalytic Theory and the Rorschach*. Hillsdale: The Analytic Press.
- Lipgar, R.M. (1992). The Problem of R in the Rorschach: The Value of Varying Responses. *Journal of Personality Assessment*, 58: 223-230.
- Meyer, G.J. (1992). Response Frequency Problems in the Rorschach. Clinical and Research Implications with Suggestions for the Future. *Journal of Personality Assessment*, 58: 231-244.
- Murstein, B.I. (1958). Non Projective Determinants of Perception on the TAT. *Journal of Consulting Psychology*, 22: 195-198.

¹ A presente lista bibliográfica contém títulos que não foram especificamente citados no texto mas cuja referência se considerou pertinente, tendo em vista o eventual interesse de algum leitor.

- Murstein, B.I. (1960). Factor Analysis of the Rorschach. *Journal of Consulting Psychology*, 24: 262-275. Inserido por B.I. Murstein (Ed.) (1965) em *Handbook of Projective Techniques*, New York: Basic Book.
- Murstein, B.I. (1963). *Theory and Research in Projective Techniques (Emphasizing TAT)*. New York: Wiley.
- Murstein, B.I. (1965). The Stimulus. In *Handbook of Projective Techniques* (B.I. Murstein, Ed.), pp. 509-546, New York: Basic Books.
- Schafer, R. (1954). *Psychoanalytic Interpretation in Rorschach Testing. Theory and Application*. New York: Grune & Stratton.
- Reuchlin, M. (1969). *Les Méthodes en Psychologie*. Paris: P. U. F..
- Silva, D.R. (1980, 1981, 1982). Análise dos Estudos sobre a Validade do Rorschach em Psicologia Clínica. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 17/18/19: 73-118.
- Silva, D.R. (1986). Exner e a Reposição do Teste de Rorschach. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XX: 135-168.
- Silva, D.R. (1986). O Sistema Integrativo do Rorschach (S.I.R.) de John E. Exner, Jr.. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 23: 189-238.
- Weiner, I.B. (1991). Editorial. *Journal of Personality Assessment*, 56.

RESUMO

Na seqüência de trabalhos anteriores, onde o autor

apresentou as características fundamentais do Sistema Integrativo do Rorschach-S.I.R. de Exner, o presente escrito propõe-se salientar a necessidade da observância da metodologia científica na investigação sobre e com o Rorschach, referindo, com esse fim, algum do trabalho empreendido por aquele estudioso e colaboradores, trabalho geralmente reconhecido como qualificado e que conferiu ao método um renovado crédito, em sectores donde há muito fora excluído. Focam-se, sobretudo, aspectos relativos ao conhecimento do Rorschach, sua natureza, funcionamento e características de instrumento de medida. No final, indicam-se algumas considerações de carácter metodológico sobre o uso do Rorschach na investigação.

ABSTRACT

In previous work the author presented the basics of Exner's Rorschach Comprehensive System. In sequence of that work this article wants to stress the need to follow scientific methodology in research on and with that method. Some studies by Exner and collaborators are thus referred which have further contributed to a renewed Rorschach credibility and receptivity even in sectors where it had been excluded from. Attention is drawn to aspects related to the knowledge of Rorschach, its nature, functioning and characteristics as an assessment instrument. Finally some methodological remarks on the Rorschach use in research are done.